

Notas Filosóficas

Nicolas Rosa

Contato: @nickvladimirins

Sinopse: Um pequeno livro filosófico com ideias do autor sobre questões da Contemporaneidade. Inspirado em “Humano, Demasiado Humano” de Nietzsche, mas com novas ideias.

1.O Grande Desafio

Apesar de não conhecer xenobiologia, acredito que a definição universal de seres humanos seja a de que, além de possuir polegar opositor, a capacidade de pensamento abstrato. É possível que em todos os planetas que existam vida complexa, eventualmente venham a surgir, dadas as devidas condições, seres com essas características, que eventualmente tomam o domínio de seus planetas nativos.

Do ponto de vista da natureza, o surgimento de tais seres não compensa no curto prazo. Os humanos tendem a ser não apenas predatórios em relação a outros seres, como também autodestrutivos. O que talvez faça valer à pena a existência desses tipos de seres seja justamente sua busca por levar a vida a outros planetas onde ela não existe, atuando como órgãos reprodutores de toda a vida de seus planetas originais.

Se sobrevivermos até o fim deste século, algo que poderia ser chamado de nosso “Grande Desafio”, nosso Sistema Solar estará aberto para levarmos vida a ele. Se falharmos, deixaremos o caminho aberto para uma nova espécie, daqui a alguns milhares ou talvez milhões de anos, concluir o que não conseguimos.

2.A Ciência

Nossa ciência está estagnada. Não temos mais como gerar mudanças qualitativas em nenhum campo do conhecimento, com exceção talvez da uberização e das redes sociais. Afora isso, tudo no qual podemos inovar, o campo técnico, já está previsto diante de nós - a energia de fusão, os elevadores espaciais, computadores quânticos etc.- é apenas questão de tempo até as descobrirmos. As inovações que temos a frente não podem mais nos surpreender nem quebrar radicalmente paradigmas.

E isso talvez seja bom para nós. Pela primeira vez na história, podemos contabilizar quantos passos estamos da próxima descoberta, e tentarmos prever racionalmente de que maneiras ela vai alterar as relações entre as pessoas- para o bem e para o mal.

Termos consciência daquilo que nos espera aumenta nossa responsabilidade com o progresso que está diante de nós. Não somos mais como crianças diante de uma caixa cheia de brinquedos desconhecidos. Agora, somos adolescentes apresentados a uma caixa de ferramentas previamente conhecida, com toda uma vida de trabalho pela frente. Como domaremos esse futuro para nosso próprio bem?

3. Do homem humilde

O cristianismo e o esquerdismo se baseiam na falsa noção de que um mundo moldado a imagem dos mais humildes- ou seja, os mais medíocres- seria um paraíso para todos. Nada mais errado do que isso. Um mundo feito a imagem do homem comum seria provavelmente, um inferno para os mais inteligentes e um purgatório para todo o resto. E pior ainda, um purgatório do qual não haveria chance de expiação.

4. O esquerdismo brasileiro

O esquerdismo brasileiro, especificamente, se baseia em outra falsa verdade: a de que se a massa do povo brasileiro conhecesse a história de figuras como Osvaldão, iria preferi-lo em relação a Ronaldinho e Neymar. A verdade, porém, é que o povo não prefere Ronaldinho e Neymar porque não conhece Osvaldão, mas sim porque aprova tacitamente a maneira que Ronaldinho e Neymar ficaram ricos e gastam seu dinheiro. A presunção de que o trabalhador é um alienado que se tornaria revolucionário se for iluminado com a “verdadeira” consciência de classe não passa de estupidez e voluntarismo.

Primeiro, porque pretensa “liberdade” que oferecem a ele é algo que ele não quer, e segundo, porque ele não a merece. Querendo impor sua noção de liberdade, o esquerdismo se mostra ao mesmo tempo imperialista e ingênuo.

Ele não consegue aceitar que as pessoas são medíocres porque amam serem medíocres, e acredita, erroneamente, que alguma força externa as força a serem assim e que outra força externa em sentido contrário mudará essa situação. O resultado é que, quando tem sucesso, criam a facção um Novo Homem que também é limitado e medíocre, mas tem a ilusão de que está progredindo porque tem asas de papelão que o Velho Homem não tinha.

5. Da Natureza

Mesmo quando pensamos em fazer o bem a natureza, acabamos antropologizando-a no processo. Acreditamos, erroneamente, que quando pomos abaixo uma floresta de milhares de anos, e colocamos um lixão a céu aberto em seu lugar, que a natureza “sofre” com esse fato.

Parecemos ignorar que, na floresta e no lixão, florescem formas de vida diferentes, e que, do ponto de vista da natureza, são igualmente válidas. O que a Vida deseja é que a vida se multiplique, da maneira que o ambiente permitir. Para ela pouco importa se no lugar de sequoias, orquídeas, ursos e macacos, florescem ratos, baratas, urubus e seres humanos em situação de miséria.

De maneira semelhante, nos importarmos com o sofrimento dos animais dos quais nos servimos, tampouco leva a nada. A grande maioria dos animais não sofre quando a gente sofre- somos nós que projetamos nosso próprio sofrimento neles.

Não devemos perder tempo nos importando com uma Natureza que nunca se importou nem nunca vai se importar com a gente de volta, mas sim pensando no nosso próprio interesse, que foi a maneira pela qual acabamos realizando todas as outras mudanças sociais anteriores.

Devemos nos conscientizar, fria e racionalmente, que se continuarmos administrando nossa civilização do jeito que administramos, seremos descartados pelo Planeta Terra, assim como os trilobitas, dinossauros e neandertais foram antes da gente. A partir dessa consciência é que haverá mudanças.

6. Do Ateísmo

O ateísmo é a forma mais improdutivo de acreditar em Deus. Enquanto o teísta tem fé em Jesus, Krishna ou Maomé, o ateu tem fé em Karl Marx, Nietzsche e Richard Dawkins. Ele é tão ou mais dogmático que o teísta que acusa de opressor, enquanto é opressor e invasivo ele próprio.

A bem da verdade, se nossa ciência e filosofia nos libertaram da crença absoluta em deuses ainda mais imperfeitos e contraditórios que nós próprios, ela ainda assim não permite afirmar categoricamente que não existe Deus algum, apenas que nossa maneira de se relacionar com Ele está equivocada e precisa ser revista.

7. Agradando a Deus

Os homens desagradam a Deus justamente porque se esforçam muito para tentar agradá-lo. Observem os animais irracionais, como o cavalo, o cachorro, ou até mesmo as baratas e minhocas. Esses seres jamais desagradam a Deus, porque simplesmente vivem a vida como Deus os fez para viverem. Nós tentamos forçar uma falsa intimidade com Deus, acreditando que nossas almas nos aproximam dos seres elevados mais do que nossos corpos nos aproximam de todo o resto dos seres vivos.

A bem da verdade, estamos mais próximos das bactérias, das lombrigas e dos ácaros do que do anjo de nível mais baixo que possa existir nos planos superiores. Boa parte de nosso sofrimento vem do fato de acharmos que fazemos parte de um projeto mais elevado do que nós mesmos, em vez de aceitarmos e vivermos a vida como ela é.

8. Do Capitalismo

O capitalismo vem durando a tanto tempo, porque ele parte de uma necessidade biológica de todos os seres vivos: a busca do lucro. Tudo aquilo que vive, até mesmo os vírus e bactérias, busca lucro em todas as operações que realizam. Os seres vivos buscam, nas suas relações com o resto da

natureza, extrair mais energia do que investiram para obtê-la. O capitalismo é o regime que mais corresponde a esse imperativo dos seres vivos.

A principal falha do capitalismo, que pode levar a sua eventual destruição ou substituição por outro regime mais avançado, é que ele reduz a busca por energia dos seres vivos ao capital monetário e a acumulação de propriedade, que não são coisas naturais, mas sim ideias abstratas, ficções criadas por nossa mente para tornar a civilização viável. Já ficou comprovado, em variadas ocasiões, que mesmo o lado que possui mais dinheiro e poder numa disputa pode ser derrotado se enfrentado por adversários que possuam criatividade e força de vontade.

Além do que, nem tudo o que os seres humanos fazem é por dinheiro, poder ou fama, mas também buscando felicidade, tranquilidade, e qualidade de vida. O capitalismo não possui nem talvez jamais venha a dar respostas satisfatórias para essas questões, muito pelo contrário. E é na busca por tais respostas que está aberto o caminho para um novo futuro.

9. A República

O Cristianismo, o Socialismo, o Fascismo, e em parte, o liberalismo, tem uma origem em comum: *“A República”* de Platão. Todos eles buscaram criar uma sociedade perfeita, composta por súditos perfeitamente disciplinados e guiada por líderes perfeitamente ilustrados. Eles falharam miseravelmente neste processo, e estão condenados a continuarem a falhar, porque nenhuma dessas três coisas é possível sem deformar e reprimir fortemente a natureza do homem, exceto talvez através de uma manipulação genética profunda que faça dele uma máquina de obedecer desde antes de seu nascimento.

10. A Academia

Aqueles que dizem que a Academia é uma câmara de eco que só faz produzir repetidores de pseudociências, clichês e falsas verdades, muitas vezes apenas querem subjugar-la para impor outras pseudociências, clichês e falsas verdades eles próprios.

Eles querem substituir Marx, Gramsci e Foucault, que apesar de terem feito e dito variadas idiotices, produziram ciência e filosofia de verdade, por Ayn Rand, Mises, e Olavo de Carvalho, que além de terem feito outras tantas idiotices, produziram apenas lugares comuns que nenhuma pessoa séria conseguiria confundir com ciência nem filosofia de verdade.

O caminho para uma crítica verdadeiramente produtiva ao establishment intelectual está em autores como Nietzsche, Orwell, Karl Popper, Alan Sokal e outros, que nos permitem enxergarmos as nossas limitações intelectuais e evoluirmos além delas. Qualquer outra coisa além disso é uma perda de tempo.

11. O Pós-Modernismo

Os críticos do pós-modernismo estão entre aqueles que mais aproveitam as construções da tecnologia pós-moderna: além da própria internet, os serviços uberizados, o streaming, as redes sociais. Eles gostam de usufruir de todos os confortos que o mundo contemporâneo oferece, mas não querem perder a comodidade de terem visões de mundo que expliquem as coisas de forma linear e fácil deles entenderem e manipularem os conceitos em seu favor.

O crítico do pós-modernismo é acima de tudo um reacionário hipócrita que só deseja ganhar, mas não quer ceder nada em troca. O mesmo pode-se dizer daquele que critica o “identitarismo” que o força a ter que pensar além das categorias a que estava acostumado. Dominar as novas questões sociais obriga a estudar e negociar espaço, e ninguém quer parecer burro nem ter que renunciar aos próprios preconceitos e privilégios. Então se xinga de “pós-moderno” e de “identitário” tudo aquilo que não se pode controlar.

12. Sobre a Uber

Anteriormente, falei que o Uber é uma grande inovação da Ciência. Acredito que esteja equivocado nesse ponto. O Uber talvez não tenha inventado nada de realmente novo. Eles apenas descobriram como fazer com pessoas que tem um carro, mas não tem emprego, o que a Avon e outras empresas de vendas por revista já faziam com as donas de casa que tinham contas a pagar, mas não

tenham emprego remunerado. Olhando desse ponto de vista, a Uber e o Ifood talvez não tenham inovado tanto assim.

13. Deformaram Marx

Para desculpar os excessos dos regimes comunistas, o esquerdista contemporâneo ou dissidente sempre dirá que eles “deformaram” Marx, não seguindo verdadeiramente o que ele ensinou nos seus livros. A verdade que eles sabem, mas não conseguem admitir, é que Marx não matou diretamente ninguém além da própria família pelo mesmo motivo que nossos partidos de esquerda hoje não matam ninguém: em vez de exércitos, controlam apenas coletivos e sindicatos que quase nenhum trabalhador sério frequenta.

14. Da Economia

As pessoas acham que a administrar a economia consiste em alocar recursos entre as diferentes grupos e pessoas, para alimentar cada um com os recursos necessários para viver e cumprir suas funções. Na verdade, ela consiste em decidir quem vai passar mais ou menos necessidade, seja de comida, seja de outros recursos. Controlar a economia não é administrar a produção e a abundância, mas sim fazer a gestão da escassez.

Individualmente, cada um de nós tem a ilusão de que está administrando os bens e riquezas que nos são atribuídos pelo sistema, mas nós todos em conjunto apenas realizamos a distribuição da miséria e da fome de forma que elas nos destruam depois dos outros. Até mesmo as visões de mundo mais humanistas não conseguem mudar o fato de que não há como cobrir um santo sem descobrir outro. A bem da verdade, sim, até existe almoço grátis, mas a comida é salgada e picante e eles cobram pelo suco e pela sobremesa.

14. O conservador

O conservador diz que apoia governos de direita porque é um regime aonde homens viris e honrados são valorizados. Na verdade, ele apoia esses tipos de governos justamente porque eles permitem a bunda moles sem honra

nem moral pisarem em pessoas melhores que eles com proteção da lei, porque eles são a favor da ordem.

Para sobreviver num mundo no qual ele é um peso morto cada vez mais inútil, o conservador precisa urgentemente que o direito de ser hipócrita e bunda mole seja uma política de Estado. Como não é possível dizer isso abertamente, ele diz que defende a moral e os bons costumes que ele próprio não segue em sua vida pessoal, mas impõe aos outros através da religião, dos costumes e da manipulação do sistema econômico em seu favor.

15. Vinho

Não existe nada mais chato do que as pessoas de classe média que acham que entendem de vinho porque tomam garrafas de 30 a 100 reais e acham as de 10 ou 15 “abaixo do seu gosto”. Uma pessoa que realmente entende de vinhos, ou que pode contratar alguém que entenda, toma num jantar casual vinhos de valores que permitem comprar todas as propriedades que a pessoa de classe média possui, mas não fica enchendo o saco de ninguém sobre o quanto entende de vinhos. O mesmo que pode se dizer sobre vinhos se aplica a todas as outras áreas do conhecimento.

16. Do Humanismo

O grande problema do humanismo, é que ele foi se tornando, ironicamente, mecânico e pouco humano. Existem muitas pessoas que querem nos impor o humanismo e a caridade delas mesmo que isso nos mate, aleije ou enlouqueça no processo. Chega a ser difícil acreditar como as coisas vão tão mal num mundo onde tanta gente só quer o bem. Como bem diz Chico César, *“que Deus nos proteja da maldade das pessoas boas”*.

17. Seguindo a Lei

Não é necessário seguir as leis para viver dentro da lei. As normas legais variam de país para país, e muitas vezes, dentro de Estados diferentes no mesmo país. Mas existem regras simples que permitem viver bem em quase qualquer lugar do mundo: Fazer o que é esperado de você, cuidar de sua família,

respeitar seu cônjuge, tratar seus superiores e as autoridades de acordo com seu nível, mas sem bajulá-los, buscar compreender as pessoas.

Jesus disse que aquele cuja justiça não exceder a dos escribas e fariseus não irá para o Céu. Portanto, não se deve temer a justiça que pune quem for pego fazendo algo errado ou quem cair no ódio dos poderosos, mas sim perder o respeito das pessoas por viver de forma indigna. O sistema legal mais injusto e corrupto não pode destruir, ainda que mate, um homem que sabe que está certo. Ele viverá na memória daqueles que viram sua luta. Mas o opróbrio entre as pessoas, porém, é a morte em vida. As vezes literalmente.

18. Da Felicidade

Mesmo nos países que tentam facilitar ao máximo a vida das pessoas, existe gente que é infeliz por mais facilidades que lhe sejam ofertadas, e pessoas que são perversas mesmo sem terem sofrido nada que justifique suas ações. As ideologias utópicas acreditam que quando for resolvido o problema da miséria econômica e material, o da espiritual e existencial também será. Isso é um engano.

Quando as pessoas não tiverem mais que lutar por casa e comida, elas irão lutar por atenção, cargos e títulos, que ao contrário das mercadorias tradicionais, não podem ser multiplicados ao infinito. Não obtendo essas coisas, as pessoas se tornarão infelizes, e essa infelicidade, ainda que não gere guerras, pode causar tensões sociais graves.

Podemos dar as pessoas uma renda social mínima, mas mesmo a sociedade mais avançada talvez não consiga garantir a todas as pessoas uma felicidade mínima, por mais recursos que tenha a disposição para isso. Esse é um problema que os filósofos e líderes espirituais do passado conjecturaram sobre, e nossa ciência moderna ainda não encontrou respostas satisfatórias.

19. Do Homem Ambicioso

Maomé, Hamilton, Marx, Hitler e Perón fizeram mulheres que poderiam estar com homens mais ricos e poderosos do que eles os quiserem por uma

simples questão: projetavam uma aura de inteligência e ambição que os destacavam na multidão, e os faziam parecer diferentes dos outros homens. Uma vez conquistadas, suas mulheres passaram a fazer tudo por eles, as vezes seguindo-os até a morte, como no caso de Eva Braun.

Para conseguir mulheres assim, é necessário treinar a si mesmo para corresponder aquilo que elas desejam. Ter ideias grandiosas, ser heroico, enxergar coisas que os outros homens ignoram. A mulher ambiciosa deseja um homem que seja general de si próprio, que saiba cativar as pessoas como conseguiu conquistá-la. O homem que consegue uma mulher assim, pode considerar que conseguiu metade do que queria na vida. A outra metade será questão de esforço e de tempo.

20. Do Artista Militante

Brecht e Maiakovski pregaram que o artista é obrigado a demonstrar engajamento político claro. Eles criaram uma falsa ideia de que não só o artista, como também o professor, o cientista e o atleta devem militar por uma causa o tempo todo. Esse pensamento equivocado vitimou a ambos, tornando-os prisioneiros do stalinismo. Brecht morreu desiludido, e Maiakovski se suicidou.

Na maior parte das vezes, o intelectual panfletário acaba sendo medíocre em ambas as coisas que tenta: perde valor como pensador por operar de forma enviesada e dogmática, além disso a visão política que ele tenta propagandear não apenas não convence ninguém, como até mesmo afasta quem ele mais queria atrair. A principal função política do artista é acima de tudo, ser um bom artista, que fale ao coração de seu público sem tentar colonizar suas mentes.

O artista partidário faz o contrário: tenta colonizar a mente e a alma dos fãs, e passa a dialogar cada vez menos com seus sentimentos. Se reduz a um cabo eleitoral. Em resumo, se torna além de um chato de galochas e um macaco amestrado, um doutrinador barato. A bem da verdade, o próprio Lênin não tinha paciência para este tipo de "arte".

Ele teria dito a um grupo de artistas de vanguarda: "admiro muito o trabalho que vocês estão fazendo, mas para ser honesto, eu continuo preferindo

Shakespeare.” Devemos ter com esse tipo de “artista” ainda menos tolerância do que Lênin não tinha.

21. Do Pobre

O pobre não é pobre porque não tem dinheiro, mas porque mesmo quando tem em mãos mais do que necessita para sobreviver, raramente sabe usar os recursos de forma inteligente. Afora situações de extrema miséria e escravidão, aquilo que faz o pobre ser pobre é acima de tudo uma mente pobre.

Há 6000 anos atrás, todo mundo era igualmente pobre. Os primeiros que se tornaram ricos foram aqueles que correram riscos para trocar produtos com outras aldeias, ou tomando a liderança de guerras contra tribos inimigas, enquanto a maioria ficava em casa plantando e cuidando de animais porque era menos perigoso.

O mundo de hoje é injusto porque aqueles que mais correm riscos são os menos recompensados, e não porque pessoas covardes, sem talento e invejosas vivem mal. Muitas pessoas que vivem mal em cortiços ou casas de má qualidade, viveriam igualmente mal ou ainda pior em castelos ou mansões.

A teoria da luta de classes alega que o inimigo inconciliável do pobre é o rico. Na prática, enquanto os ricos vivem em suas mansões sem verem um único pobre além de seus empregados, o maior inimigo de um pobre que quer crescer na vida são outros pobres que querem puxá-lo para baixo porque tem inveja de ver alguém conseguir sair da miséria sem dependerem deles, e poderem rir do seu fracasso.

O rico toma a maior parte dos recursos para si porque é lucrativo para ele, não porque odeia as pessoas para os quais eles farão falta. Ele não está nem aí para elas. São apenas números. O pobre, porém, destrói a vida de outro pobre, mesmo sem ganhar um centavo fazendo isso, apenas pelo puro prazer de destruir.

Os teóricos da luta de classes, diante desse fato, dizem que é o sistema burguês é que causa esse tipo de perversidade no ser humano, como forma de

eximir as pessoas de sua responsabilidade pessoal em ajudarem a fazer o mundo ser uma merda.

Alegar que certas classes são culpadas ou virtuosas apenas porque existem é repetir o antigo maniqueísmo da Igreja de forma secular. Para o trabalhador que deseja ascender, enquanto a burguesia e a aristocracia operária são concorrentes que ele ou o filho dele enfrentarão no futuro, quando seus negócios crescerem, seu inimigo imediato é o outro trabalhador que deseja tomar sua mulher, roubar suas ideias e sabotar sua reputação.

Se ele se deixar ser derrotado por esse companheiro de classe, não terá os recursos para concorrer com os ricos no futuro. Demonstrando piedade ou hesitação diante desse concorrente, além de não ascender será jogado na miséria. Com o patrão rico ou de classe média, é possível negociar, quando se tem uma posição de vantagem. Com o outro pobre que quer seu lugar, não existe negociação. Ou você acaba com ele, ou ele acaba com você.

E depois da primeira vez que você for derrubado, vários outros virão te pisar também, apenas porque você demonstrou fraqueza da primeira vez. "Solidariedade de classe" é uma expressão bonita, mas que encobre a realidade de que o mero fato de as pessoas terem vindo de uma origem comum, não significa necessariamente que estão todas seguindo para o mesmo destino.

22. Da Classe Média

A classe operária vota em quem lhe dá entretenimento, dinheiro e cerveja. A classe alta vota em quem lhe dá vantagens, produtos de luxo e oportunidades de negócios. A classe média vota em quem lhe propõe ideias. Ou seja, enquanto as outras classes votam em quem lhe enche o estômago ou as contas bancárias, a classe média é a única que troca seu trabalho duro por apenas vento. Enquanto o pobre age por instinto e o rico por cálculo, a classe média que foi domesticada a achar que o instinto é vulgar e o cálculo imoral, não tem nem a sabedoria do pobre nem a esperteza dos ricos.

Se emociona com meras palavras, e vai a guerra porque toma conceitos abstratos e relativos como verdades concretas e absolutas. Mesmo tendo

acesso ao conhecimento científico e ao raciocínio filosófico que teoricamente lhe permitiriam pensar por si mesma de forma não dogmática, obedece a ideólogos e doutrinadores de forma mais cega do que pessoas que não tiveram educação formal. Amam a cultura "popular", mas desprezam a cultura de massas.

São competentes em administrar o dinheiro e as empresas de outros, mas são incapazes de tomar eles próprios a liderança dessas mesmas empresas porque tem uma série de bloqueios e preconceitos que os impedem de fazer tudo o que necessário para um empreendimento dar certo. Assim, vivem submissas a gente que tem uma capacidade técnica muito inferior à deles, mas que tem uma mente menos obtusa e não possuem falsos escrúpulos.

Tem medo dos filhos porque eles sabem que não tem nada a lhes ensinar sobre o mundo, porque o que eles próprios aprenderam dos pais não vale nada no mundo de hoje. Poderiam ser uma classe retrógrada, mas não sabem mais nem ser reacionários de forma convincente. Não tem energia para isso. Se limitam a tentar defender com falso desprendimento os poucos privilégios e distinções de superioridade que ainda lhe são permitidos.

Brigam pela letra da lei mais do que pelo espírito dela. Discutem por questões técnicas e semânticas secundárias para evitar ter que discutir a essência das coisas. Detestam a burocracia que os atrapalha de terem tudo o que querem, porém aceitam passivamente o normativismo que os impede de terem que tomar responsabilidade. Confundem conveniência com sentimento, e mera erudição com conhecimento.

Desejam o Santo Graal da Política, da Arte e da Ciência, sem terem de se sacrificar muito por ele. Defendem soluções radicais para os problemas, porque sabem que quanto menos práticas e mais difíceis de implementar forem as coisas que pedirem, poderão passar mais tempo planejando as mudanças do que fazendo qualquer coisa que tenha impacto verdadeiro. E para demonstrarem que são contra os deuses da própria terra, rezam para deuses estrangeiros que também negariam se morassem no país do qual eles vieram.

21. Escolhendo lados

Os militares e policiais votam na direita porque acreditam que ela os valoriza, enquanto para ela eles não passam de bucha de canhão para lutar suas guerras. Os intelectuais e artistas votam na esquerda porque acreditam que ela valoriza o pensamento crítico, quando para ela eles não passam de cabos eleitorais em suas disputas por poder.

Os militares e policiais acham os intelectuais burros e hipócritas por votarem na esquerda mesmo ela não os valorizando de verdade, e os intelectuais acham a mesma coisa dos militares e policiais por votarem na direita.

O resultado é que quando os militares e intelectuais tentam se meter na política e no sindicalismo, a maior parte deles acabam sendo políticos e sindicalistas ruins, porque não tem uma visão ampla das políticas públicas necessárias para fazer o Brasil dar certo, pois não sabem enxergar muito além dos seus interesses de categoria, que presumem ser os interesses do país inteiro.

O resultado é que eles lutam entre si uma disputa que ambos enxergam como épica e eivada dos mais altos princípios, enquanto são vistos como dogmáticos e corporativistas pelo resto da população, que vive submetida a eles porque não tem outra opção: os primeiros têm armas, os segundos seguram os diplomas.

22. Das pornografias

A gente cresce sendo manipulado a odiar figuras como Eduardo Cunha e Geddel, que roubam algumas centenas de bilhões, enquanto nos faz achar natural os grupos financeiros sugarem dezenas de trilhões. Ai a gente vai trocando um partido por outro, brigando com familiares e amigos por causa de políticos que não estão nem aí para a gente, enquanto a essência do sistema não muda. Essa "pornografia da corrupção", praticada por Veja e Caros Amigos, entre outros veículos, e semelhante a "pornografia da violência" praticada por Sikera Jr., Datena e outros.

A diferença é que uma é feita para agradar a classe média letrada, a outra para agradar as massas populares.

A mensagem psicológica que ambas buscam passar é a seguinte: *"O mundo está assim porque é comandado por gente corrupta, preguiçosa e incompetente. Se pessoas honestas, trabalhadoras e competentes como você mesmo estivessem no poder, as coisas seriam melhores que hoje."*

Elas agradam o senso de justiça pequeno-burguês que todos nós temos. Colocam o trabalhador contra o lumpemproletariado e a aristocracia operária, e a classe média baixa contra a alta, enquanto o poder da grande burguesia permanece intacto. São mais um aparato de controle do sistema. Nos manipulam através de uma falsa catarse, aonde, se revelando as lideranças vigentes como falsos profetas, se abre espaço para o próximo Salvador da Pátria.

23. Do Amor como Empreendimento

É um clichê esgotado dizer que o amor se tornou uma mercadoria, e que o amor contemporâneo se tornou "líquido", mas é possível dizer algo mais: o amor se tornou um empreendimento. Isso claro, é uma consequência óbvia de um mundo em que cada um se tornou um "empresário de si mesmo". Cada relação se tornou uma sociedade anônima aonde, não havendo lucro para os sócios, a companhia é dissolvida ou os membros excedentes que não demonstrarem bom desempenho são demitidos e trocados por outros que demonstrem.

Poderia se interpretar que tal realidade seria a efetivação do chamado amor livre proposto pelos libertários, mas nada é mais enganoso que isso. Apesar das pessoas não estarem mais submetidas aos contratos inflexíveis de antigamente, ainda assim ela continua a ser opressiva, em novos termos: os termos das leis de mercado e o fato de que trocar de parceiros tantas vezes quanto possível sem superar traumas passados condena as pessoas a repetir velhos padrões incessantemente.

A pior parte de estabelecer metas de satisfação para um relacionamento é que os torna iguais ao trabalho -e a parte chata, burocrática e alienante do trabalho. - O verdadeiro amor livre não é nada parecido com isso.

24. Escolhendo Lados II

As pessoas que amam Cuba ou Israel geralmente se odeiam entre si, mas na verdade são mais parecidas do que pensam. A razão pela qual elas idolatram esses países é essencialmente a mesma: elas os enxergam como "cidades edificadas sobre a montanha", postos avançados da verdadeira civilização que resistem incólumes a inimigos muito mais poderosos, e que jamais se dobram nem desistem de sua missão. As pessoas que os amam se recusam a enxergar todos os seus defeitos, que não são poucos, e fazem questões de propagar todos os seus grandes feitos, que de fato são muitos.

Elas enxergam em Israel e Cuba aquilo que de bom gostariam enxergar no seu próprio povo, e que acham que seus adversários os impedem de realizar. Debater com eles utilizando argumentos racionais e equilibrados é inútil. Quando postos em ameaça, desqualificam o interlocutor com epítetos como "antissemita", "imperialista", etc....

Faz falta no Brasil uma educação que ensine nossos jovens a adorar nosso próprio país do mesmo jeito que alguns de nossos pensadores e políticos idolatram potências estrangeiras. Ainda não acordamos para o fato de que nossa Cuba e nosso Israel devem ser nós mesmos.

25. Do Artista Libertador

A escrita de Ferreira de Castro sobre sua volta ao mundo é simplesmente maravilhosa. Ele fala sobre os efeitos do racismo e do imperialismo ao mesmo tempo que mostra uma grande compreensão em relação aos povos que os praticam, enxergando tanto opressores como oprimidos sob uma ótica muito humana.

De forma semelhante, Kurt Vonnegut critica os males da sociedade sem jamais perder a leveza e a esperança, mesmo quando escreve sobre as coisas mais tristes e pesadas possíveis. Essa leveza e esperança no progresso que esses autores possuem talvez seja o caminho para uma nova Arte, uma arte humana que critique o que está errado com o mundo sem querer impor uma receita pronta para consertá-lo.

Eles confiam na capacidade humana de resolver os problemas sem precisar se escravizar a sistemas fechados, que, eles bem sabem, fazem parte do que está errado. A mensagem deles é que, se nós, os humanos, criamos nossos próprios problemas, cabe a nós mesmos, os principais interessados, resolvê-los com serenidade e maturidade, sem recorrermos a jogos de poder nem a subterfúgios.

26. Marx e Nietzsche

Marx e Nietzsche foram dois gênios da ciência e da filosofia, mas se deixaram levar pela própria loucura. Marx destruiu a própria família e burocratizou a Internacional de forma dogmática, morrendo na miséria financeira e moral e abrindo caminho para os excessos do bolchevismo. Nietzsche, por sua vez, viveu uma vida isolada, frustrada e infeliz, morrendo também na miséria e sozinho. A interpretação extrema de sua ideia do Super-Homem acabou servindo de inspiração para o fascismo e o nazismo.

O desafio da contemporaneidade é que devemos, assim como Marx e Nietzsche, nos insurgirmos contra as incongruências do mundo moderno, sem nos deixarmos destruir pela húbris como eles fizeram.

A oposição entre consciência do mundo e felicidade pessoal é uma falsa dicotomia: é perfeitamente possível entendermos como o mundo funciona e ainda sermos felizes, basta não deixarmos que o ódio gerado por essa consciência se sobreponha sobre as pequenas felicidades que fazem a vida valer a pena. Em suma, seguir o que Marx e Nietzsche pregaram, mas não souberam viver eles próprios.

27. Porque ser brasileiro é maravilhoso

Ter nascido brasileiro é a maior benção que Deus pode dar a um ser humano. O mero fato de termos nascido neste país nos torna herdeiros de figuras como Machado de Assis, Monteiro Lobato, e Carolina de Jesus. É uma riqueza incomensurável que ganhamos de graça, bastando trabalharmos para merecê-la. A bem da verdade, nascer brasileiro é melhor do que ter nascido rico.

Existem ou já existiram variados ricos que vivem vidas vazias e miseráveis, odiados pelos filhos e empregados, que contam os dias para eles morrerem e poderem tomar posse do seu dinheiro. O brasileiro que gosta de trabalhar e ama a Deus, porém, por mais que passe por todos os tipos de dificuldades, jamais estará derrotado. Ele sempre encontrará um pouco mais de forças para dar mais um passo em direção aos seus objetivos. Isso é uma espécie de riqueza que nenhum dinheiro pode comprar.

28. Injustiça com Darwin

Criou-se o termo “social-darwinista” para servir como epíteto para os proponentes da lei do mais forte nas relações humanas. Isso é uma grande injustiça. O próprio Darwin jamais foi eugenista nem cretino, muito pelo contrário. Uma de suas principais lembranças em relação ao Brasil, foi de como ficou indignado pela maneira que os escravos eram tratados, pois ele não conseguia admitir a ideia de que outros seres humanos fossem inferiorizados por pertencerem a outra raça.

Isaac Newton, por exemplo, era uma personalidade sociopática, inclusive com fortes tendências sádicas e homicidas, mas ninguém chama uma pessoa de personalidade difícil de “newtoniana” como insulta de “darwinista” alguém que age como Newton agia. Darwin, ele próprio um homem tranquilo, pacífico e razoável, foi injustamente adjetificado para significar pessoas que fazem e pensam justamente o contrário do que o próprio Darwin pregava e fazia.

A principal razão da grandeza de Darwin não foi ter criado uma teoria que mudou para sempre a relação do Homem com a Natureza, mas sim ter feito isso da maneira mais respeitosa e não-dogmática possível. Se os outros pensadores e artistas seguissem o exemplo dele, as revoluções científicas teriam sido menos dolorosas do que acabaram sendo.

29. Da Segunda Guerra

A 2ª Guerra Mundial foi um conflito não apenas no sentido militar, mas também foi uma disputa de visões artísticas. Que se comece analisando Mussolini e Hitler. Ambos foram leitores ávidos de Nietzsche. A diferença entre

ambos é que o primeiro o compreendeu, e o segundo entendeu tudo errado. Mussolini tinha perfeita consciência que o heroísmo nacionalista era patético, mas sabia extrair deste patético o épico e o sublime que arrastavam as massas.

Hitler copiou a pateticidade do fascismo, acreditando realmente que aquilo era épico e sublime como um valor em si mesmo. Ele não tinha nenhuma noção do ridículo, e acabava acreditando nas próprias mentiras que inventava para o povo.

Mussolini era um sociopata calculista, que tinha perfeita consciência de que era um mau ator numa peça de mau gosto, enquanto Hitler se enxergava como herói numa grande produção. Seu plano arquitetônico para a Berlim do pós-guerra envolvia construir dezenas de obras gigantescas, que fizessem as pessoas se sentirem como insetos diante de sua grandeza- ou seja, a própria negação do ideal ocidental de adequar as estruturas ao ser humano.

Comparemos agora Hitler e Stálin: Stálin é considerado culpado por milhões de mortes em seu governo, porém um fato pouco conhecido é que seu primeiro assassinato foi de um poeta chamado Koba. Koba era um jovem saído da pobreza que tinha não só um razoável talento poético, mas também aspirações políticas.

Certa vez, um professor que editava uma revista de literatura lhe disse que ele tinha um grande futuro na área, mas Koba pediu a ele que não publicasse suas obras, pois fora escolhido por seu partido político para liderar ações ilegais para coleta de fundos, e que se ele tivesse a fama de intelectual seus subordinados não iriam respeitá-lo. Foi ali que morreu Koba, o poeta, e nasceu Stálin, o Homem de Aço.

Assim, quando Hitler invadiu a União Soviética, estava desafiando um homem que tinha destruído a própria arte para poder se tornar um líder político. E, diferentemente de Hitler, Stálin tinha tido o potencial de ser um grande artista se não tivesse desistido de sua carreira. Algo semelhante pode se dizer sobre Churchill, que tinha sido jornalista e escritor antes de ser militar e político.

Ele teve a coragem de resistir, mesmo quando tudo parecia perdido, pois sabia que a correlação de forças mudaria a seu favor se a Grã-Bretanha resistisse alguns anos. Isso se deveu não apenas a um aguçado conhecimento de geopolítica, mas também a um forte senso artístico de que as coisas dariam certo no final, como de fato deram.

Assim, é possível dizer que a 2ª Guerra foi também uma disputa estética, entre artistas que tinham visões divergentes em relação à Arte. Prevaleceram nela os verdadeiros artistas, que sabiam aliar beleza com inovação e praticidade, enquanto aqueles que prezavam o monumental e o bombástico como um fim em si mesmo foram derrotados.

27. Do Antifascismo

Eu nunca levei o antifascismo muito a sério, nem em sua forma dos anos 30, nem na sua encarnação moderna. A esquerda sempre brigou mais entre si do que contra a direita, e tentar juntar numa mesma força grupos que transformam discussões mínimas em grandes debates existenciais sempre foi uma receita para o fracasso. Devido as eternas brigas internas, o antifascismo falhou primeiro na Itália, depois na Áustria, Alemanha, Espanha, e em quase todos os outros lugares aonde o fascismo se apresentou como alternativa significativa.

A derrota do nazifascismo na 2ª Guerra se deveu não tanto ao antifascismo organizado, mas ironicamente, ao nacionalismo e ao instinto de preservação dos povos ameaçados por ele de extermínio e escravização. Outro ponto falho é que o antifascismo não enxerga as virtudes do fascismo, que são o heroísmo, a busca de harmonia entre as classes, e o culto ao progresso e a virilidade, e enxerga nele apenas os defeitos, que são o racismo, a xenofobia e a misoginia.

Assim, não consegue compreender fenômenos como o getulismo e o peronismo, que tem forte inspiração nos aspectos construtivos do fascismo, e buscam evitar os destrutivos. Além disso, parte das conquistas sociais modernas

se devem a líderes que se não eram propriamente fascistas, eram autoritários, como Napoleão, Bismarck e Mustapha Kemal.

O terceiro ponto é que o antifascismo tende a se tornar tão dogmático, hipócrita e decadente quanto o ultraconservadorismo que diz combater, transmudando-se numa força reacionária com retórica pseudorrevolucionária. O resultado é que ele acaba se tornando um gueto intelectual onde se pratica patrulha ideológica e autoafirmação política o tempo todo, mas não se avança em quase nada de útil para a efetiva construção do Socialismo.

26. Sobre Paulo Freire

Tive a oportunidade de ler um pouco sobre os métodos de pensadores como Paulo Freire, Montessori, A.S Neill, Wilhelm Reich. Minha mãe cursou Pedagogia, e vivia trazendo textos desses excelentes teóricos para casa. Sobre Paulo Freire em particular, eu lamento apenas que falem muito dele, mas apliquem pouco do que ele falou.

Pelo menos na minha experiência com a Educação, seja como aluno seja como profissional, eu vi que falam muito das ideias dele na teoria, mas na prática o ensino continua "bancário", os diretores continuam querendo vencer o IDEB e a estourar o ENEM, mas as escolas não ensinam os alunos a serem cidadãos que vivam uma vida plena e feliz.

O resultado disso, é que mesmo quando temos algumas poucas escolas onde se conseguem mandar bastante alunos para a USP, ITA, Unicamp, ainda assim temos formamos pessoas que não conseguem manter casamentos saudáveis, serem bons exemplos para os filhos, que se drogam, que se suicidam.

Paulo Freire e outros três grandes pensadores, que foram Darcy Ribeiro, Nise da Silveira e Anísio Teixeira, entre vários outros que não haveria espaço para citar aqui, tentaram criar uma Educação aonde além de bater o ENEM os alunos aprendessem a ser felizes e terem propósito na vida, mas infelizmente foram castrados em muita coisa do que tentaram.

É graças a eles que temos uma Educação sem palmatória, mandar rezar no milho, botar chapéu de burro nos alunos, onde se tenta, ainda que de forma muito precária, incluir os alunos com variadas deficiências e problemas de aprendizado.

Na Educação de hoje, muito se fala de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, mas continuam a pressionar os professores a estourar o IDEB e o ENEM, e igualmente aos alunos. Sem contar, que aqueles que falam mal da Educação, também fazem um péssimo trabalho nas áreas que administram. Aí metem o pau nos professores para desviar atenção da própria incompetência.

Se for levado em consideração, que mesmo tendo falta de verbas, falta de apoio dos governos, políticos e traficantes tentando mandar nas escolas mais que os diretores, e grupos como o Escola sem Partido difamando, os professores ainda conseguem mandar um monte de alunos para a UFBA, UFRB e UNEB, na verdade eles fazem milagres.

Se tem um ponto que eu poderia fazer objeção a Paulo Freire, é que ele foca demais na luta de classes. Eu acho equivocado querer ensinar os alunos a terem ressentimento contra quem sabe ganhar dinheiro. Pra mim os alunos deveriam ter como exemplo, além de Machado de Assis, Carolina de Jesus e Chico Mendes, figuras como Arnold Schwarzenegger, George Foreman, Roberto Justus.

É um exagero dizer que o problema de nossa Educação é Paulo Freire. Na verdade, o problema é até o contrário, falam dele e de outros teóricos libertários apenas para simular um progressismo que não existe na prática. Assim como acontece com o Duque de Caxias e com Ruy Barbosa, precisamos tirar Paulo Freire do pedestal, e passar o viver o que ele pregava no nosso dia a dia.

27. Do doente mental

Nós temos um modelo de civilização que favorece a tomada do poder dos doentes mentais que demonstram características sociopáticas, que sabem manipular os sentimentos das pessoas, mas não os consideram, e que submete

e marginaliza os doentes mentais que demonstram fraqueza e fragilidade. Isso talvez seja uma consequência necessária da evolução de nossa espécie, mas também pode ser um fator que a leve para um caminho de autodestruição que não pode ter volta.

Somos ensinados a temer os maníacos excepcionais, como o Lampião, Chico Picadinho, Suzane von Richtofen, entre outros, mas praticamente não nos ensinam como lidar com os dementes funcionais, que são indivíduos que sabem aparentar serem clinicamente saudáveis, mas tem um efeito negativo muito maior sobre nossa sociedade.

Apesar de não devermos subestimar os malucos criminalmente insanos, o demente clinicamente saudável é que nos destrói dia após dia, sem conseguirmos reagir ao que ele faz. Saber reagir a eles sem cair nas armadilhas que eles montam para se proteger, é o segredo para avançarmos para um novo nível de civilização, que não precise mais de dementes funcionais em funções de controle.

28. Ser chefe ou morrer tentando

Existem pessoas que buscam de forma insistente cargos de comando, porque sabem que se tivessem de sobreviver com suas habilidades como trabalhadores, morreriam de fome. O mau trabalhador acaba tentando desesperadamente ser um bom chefe, porque sabe que não sobreviveria se tivesse de merecer um salário por sua produção. Ele tenta forçar o chamado “efeito Dilbert” porque sabe que é sua única alternativa de sobrevivência.

As pessoas que enxergam de fora, acreditam que ele ascendeu através dos cargos mais baixos para os mais altos graças a um talento e habilidade superior aos outros operários, quando muitas vezes o que ocorre é justamente o contrário.

29. Do Estado Forte

A raça humana tem a necessidade de Estados fortes para poder sobreviver. Estados ausentes, onde se deixa vigorar a lei do mais rico e do mais fortes nas

relações humanas, estão fadados a destruição. Existe até hoje, porém, uma dicotomia entre Estado forte e sociedade fraca. Até hoje, não conseguimos aumentar a presença do Estado, ou do Estado e grandes empresários ligados a ele, sem gerar uma sociedade fraca e dependente.

Seria necessário pensar uma nova forma de Estado que fosse presente sem ser obeso, maior que o necessário, mas evitando ao mesmo tempo o Estado anoréxico, que não protege as pessoas. Esse seria um Estado presente, que fizesse o necessário para gerir os grandes projetos e grandes empresas que servirão como guias para o desenvolvimento, que ao mesmo tempo não sufocaria a sociedade civil, permitindo a ela ser independente e inovadora.

Construir esse Novo Estado exigiria partir de autores como Keynes e Karl Popper, e ir além do que eles pensaram, criando um tipo de democracia que fosse mais aberta e eficiente que a democracia representativa que possuímos até hoje.

30. Sobre Olavo e Dugin

Um professor meu me apresentou um debate entre dois grandes expoentes do conservadorismo moderno: Olavo de Carvalho e Aleksander Dugin. Pelo pouco que lembro do debate, Dugin mostrou grande superioridade em relação a Olavo de Carvalho, que voltava o tempo todo para o mesmo argumento central.

Apesar do debate ter me feito ver Olavo como um indivíduo monotemático e pedante, acredito que, porém, a vitória de Dugin foi vazia. Olavo tem uma visão de mundo, na qual ele acredita que os Estados Unidos dos anos 50 foram a coisa mais próxima do Paraíso que a Terra já teve, e que se o mundo fosse moldado a essa imagem seria muito melhor.

É claramente uma visão infantil e equivocada, mas pela qual é possível ter algum respeito, porque é possível perceber que Olavo realmente acredita nas maluquices que inventa. Dugin, porém, inventou uma ideologia que mistura o pior do stalinismo com o que há de mais cretino no nazismo, com o intuito claro de servir como instrumento de influência do serviço secreto da Rússia, em troca de poder e dinheiro.

A elegância e a polidez que Dugin demonstra mal escondem um indivíduo cínico e perverso, que deseja o poder pelo poder. Olavo, mesmo sendo um indivíduo com fortes indícios de possuir um transtorno mental grave, é alguém que demonstra princípios, que luta por uma ideia. O paleoconservadorismo de Olavo, embora também sirva a potências estrangeiras, é mais tolerável que o neofascismo pós-moderno de Dugin, que é repugnante em todos os aspectos.

Olavo acredita num modelo de civilização equivocada e ultrapassado, mas que ainda assim é civilização. Dugin é a barbárie. Tendo que escolher entre um ou outro, ainda prefiro o nosso Olavo.

31. Sobre Monteiro Lobato, Jorge Amado, e Heidegger

Muito se fala sobre os equívocos raciais de Monteiro Lobato. Há quem ache que ele deveria ser totalmente banido da Literatura Brasileira, por ter cometido crimes imperdoáveis. Eu acredito, porém, que apesar do que ele ter feito ser de fato indesculpável, não há motivo para tanto.

Ele era um homem de seu tempo. Acreditou em ideias equivocadas, quando parte considerável de nossa intelectualidade também acreditava. Mas depois percebeu seu erro. Tentou fazer reparos em relação a ele. Lutou pela soberania energética do seu país, ajudando a criar uma empresa que serviu como instrumento de justiça social, inclusive ajudando o povo negro que ele antes difamava.

Foi um dos poucos que tentou ajudar o autor Lima Barreto, que porém não conseguiu falar com ele por estar com vergonha de estar bêbado, devido ao alcoolismo que sofria. Devido a isso, acredito que apesar dos erros que cometeu, e que ainda assim tentou reparar, Monteiro Lobato tem um saldo positivo com a vida.

Não julgam Jorge Amado, por exemplo, com a mesma régua que usam para Lobato. Jorge Amado foi comunista quando ser comunista era algo interessante para um intelectual em ascensão. Colaborou com um jornal pró-nazista quando Hitler e Stálin fizeram a aliança para destruir a Polônia.

Vendeu milhares de livros nos países comunistas, provavelmente recebendo muito por isso. E largou o comunismo quando houve a invasão do Pacto de Varsóvia aos países que queriam fazer reformas, quando ser comunista deixou de ser tão popular quanto era antes. Mas nunca julgaram Jorge Amado nem nenhum artista que agia de forma semelhante por serem carreiristas políticos.

Se há um intelectual, que porém, não faço questão nenhuma de tocar num livro, é Heidegger. Entrou na faculdade, tendo ajuda de variados professores e colegas judeus para chegar ao cargo aonde chegou. Se juntou ao nazismo por puro adesismo, mesmo desprezando os nazistas. Quando percebeu que eles poderiam ser derrotados, tentou fingir distanciamento deles.

Após a guerra, sendo considerado um grande merda em sua própria terra, buscou amizade com intelectuais franceses, que o recolocaram em evidência, fingindo esquecer tudo o que ele fez. Um indivíduo assim, por mais brilhante que seja, não tem qualquer decência. Se os nazistas tivessem ganhado, estaria com eles do mesmo jeito que depois fingiu ser a favor da democracia.

Sendo assim, eu prefiro manter meu respeito por Monteiro Lobato, que se cometeu erros, foi pensando no que era bom para seu país, e não odiar Jorge Amado, que apesar de ser carreirista, fez coisas boas. Mas um Heidegger, que está sempre ao lado do mais forte em qualquer ocasião, não merece nenhum respeito.

32. Do anticomunismo

A única forma de eliminar completamente o bolchevismo da vida política de um país é instaurando um regime de partido único, que busque tutelar as pessoas em todos os aspectos de suas vidas e que tenha como inimigos qualquer um capaz de pensar. Nesse tipo de regime, como não sobra mais nada de valor para os bolchevistas destruírem, eles acabam morrendo por inanição ou, por pirraça, se tornando defensores da mesma democracia burguesa que diziam desprezar.

33. Da democracia no trabalho

Existem patrões que até tentam dar autonomia e respeito aos trabalhadores, mas quando os veem pisando e maltratando uns aos outros por questões mínimas, desistem de ser bons com eles e passam simplesmente a aplicar o poder patronal de forma protocolar. Nenhum patrão, por mais benevolente que seja, consegue dar aos trabalhadores mais respeito do que eles não dão a si próprios.

34. Surfando o Apocalipse

A situação atual de nossa espécie é como a de um surfista de super-ondas. Começamos com ondas de 4, 5 metros, tomamos vários caldos e danificamos variadas pranchas, mas aos poucos fomos aprendendo a surfar. Até que de repente, surgiu uma onda de 30 metros na nossa praia.

A metáfora não é perfeita porque boa parte do motivo da onda existir é nossa própria culpa, mas de qualquer forma nós temos que surfar a onda até o fim sem cairmos, porque se nos deixarmos vacilar, seremos esmagados pela massa de água e depois jogados nas pedras com nossa prancha, sendo ambos esmigalhados em vários pedaços que ninguém vai conseguir juntar.

É uma situação que não permite espaço para a hesitação e o medo. Precisamos aprender como juntar coragem para surfamos essa mega-onda até o fim, após o que, então poderemos buscar uma vida normal e tranquila.

35. Do bom senso

A maior parte das más escolhas são feitas não porque não sabemos coisas complicadas, mas porque nós recusamos a perceber o óbvio. As grandes decisões são tomadas por indivíduos que precisaram acumular grande erudição para merecerem suas funções- os executivos, os generais, os bispos, os juízes, os médicos, os engenheiros, os pilotos de avião e capitães de navio- mas a maior parte do trabalho duro, formado por variadas pequenas decisões que influenciam o cenário maior, é feita por indivíduos que precisam confiar na intuição e no bom senso para exercerem suas atividades- os vendedores, os faxineiros, os sargentos, as enfermeiras, as aeromoças, os mestres-de-obras, os policiais, os padres de vilarejo e pastores de bairro-.

É sobre esses indivíduos que cai a maior carga do trabalho necessário para manter nossa sociedade. Eles possuem uma dupla carga de trabalho: primeiro, porque além de terem de realizar o próprio serviço, precisam ao mesmo tempo guiar os seus subordinados e influenciar seus superiores para que as coisas fluam de maneira que tanto suas organizações como eles próprios tenham sucesso e sobrevivam.

Uma sociedade focada no sucesso talvez fosse uma na qual esse segmento da população fosse tomado como a classe mais importante da sociedade, porque ela é, afinal, quem faz a conexão entre os cérebros que pensam e as mãos que executam. Sendo nervo e músculo ao mesmo tempo, ela tem condição de compreender tanto o que a mente deseja executar e aquilo que o corpo sofre para realizar as ordens.

36. Mais sobre o bom senso

Autores como Olavo de Carvalho, Ayn Rand e outros tem certa popularidade porque usam uma retórica falsamente científica, mas que apela fortemente para o senso comum. A ciência, por si só, não é superior ao senso comum, muito pelo contrário.

Ela só se tornou possível, graças a Filosofia, que nos seus primórdios extraía premissas das situações utilizando o senso comum como ferramenta de investigação.

Cientistas geniais podem cometer erros graves se não utilizarem o senso comum, ou pelo menos o bom senso, para realizar seus projetos. Uma pessoa sem grandes qualificações acadêmicas, mas que tenha bom senso, pode ir mais longe do que um super pensador que não tem sabedoria.

A raiz da questão é saber delimitar o espaço de cada coisa. Ciência é ciência, senso comum é senso comum. A ciência nos ajuda a alcançar alturas maiores, o senso comum, ou pelo menos o bom senso, nos ajuda a não cairmos de volta de onde já saímos.

36. Dos direitos

Alegadamente, temos como direitos fundamentais o trabalho, a vida e ao conhecimento. Esses direitos, porém, podem acabar sendo mais uma maldição que uma benção. Nós temos “direito” de trabalhar em troca de comida, porém não podemos deixar de exercer esse direito exceto se tivermos uma deficiência muito grave ou se fraudarmos de alguma forma o sistema econômico do país onde moramos, parasitando os frutos do trabalho dos outros.

Temos o direito à vida, porém não podemos acabar com nossa própria vida a qualquer momento, sem sofrermos após a morte uma forte sanção moral, chegando ao ponto de terem inventado que as almas dos suicidas vão queimar no inferno por terem desertado da existência.

E quanto ao direito ao conhecimento, somos obrigados desde a infância a absorvermos conteúdos escolares e produtos culturais que não nos interessam em nada pessoalmente, para ficarmos capacitados a exercer profissões nas quais não nos sentimos realizados, até deixarmos de ser úteis.

Não nos dão na mesma medida que exigem de nós que tenhamos conhecimento o direito de sermos ignorantes. A própria lei deixa bem claro que alegar desconhecer as normas não nos permite nos eximir das mesmas. Porém, ainda assim, a lei não consegue punir efetivamente aqueles que mesmo sabendo das normas legais e dos princípios morais, fazem mal aos outros visando o poder e o lucro.

Eles não nos permitem o direito de sermos burros, porém recompensam os hipócritas que tem perfeita consciência que estão errando, mas tem algum trunfo que os impedem de serem punidos.

Num mundo no qual aquilo que nos dão como “direitos” implica mais deveres do que benefícios, o canalha que manipula as regras do jogo irá sempre prevalecer sobre aqueles que tentam agir corretamente.

37. Tudo é política

O intelectual doutrinador, quando questionado sobre o fato de agir de forma partidária nos espaços que atua, usa como rota de fuga a frase clichê “porém

tudo o que se faz é política.” Isso é uma tática para escamotear o fato de que tudo que ele faz é visando fins partidários ou faccionais, e no processo acusar de volta os que demonstram esse fato de terem uma “falsa neutralidade”, alegando que eles têm interesses políticos por trás na sua busca pelo profissionalismo.

Para o doutrinador, são apenas os outros que buscam manipular o público visando o poder, nunca ele próprio. Ele dá recompensas desproporcionais as pessoas que fazem o que ele quer, e busca marginalizar, classificando como reacionários sem pensamento crítico, todos aqueles que não cumprem os papéis que ele deseja.

O pior pecado do intelectual doutrinador, é que tendo a oportunidade de ajudar as outras pessoas a se libertarem, ao invés disso oferecem a elas apenas vassalagem a seus ídolos políticos e ideológicos, sob o disfarce de estarem dando a elas consciência de mundo.

Que “tudo é política” é um fato, porém existe uma bela diferença entre ser um feitor partidário, e de fato ajudar as pessoas a serem cidadãos melhores e a terem uma vida mais plena.

38. Do espírito guerreiro

Povos como os romanos, incas, tupis, zulus, vikings e variados outros sabiam extrair energia da “fúria guerreira” para vencerem batalhas, porém não sentiam ódio pelo inimigo, muito pelo contrário. Ao invés de ensinar seus guerreiros a odiar o adversário, falavam de recompensas no Além-mundo para aqueles que demonstrassem mais valor no campo de batalha. Após a vitória, assimilavam os deuses, a filosofia, a cultura dos povos que venceram, chegando ao ponto, em alguns casos, de esquecerem boa parte das suas próprias.

Um dos possíveis motivos pelos quais nossa civilização está apodrecendo, é que não incentivamos mais o espírito guerreiro de antigamente. Criamos uma civilização burocratizada e emasculada, onde precisamos ser ensinados a odiar os deuses e valores de nossos adversários, ao invés de amarmos a busca pela glória e pela realização que existe na luta pela sobrevivência.

O resultado disso é uma civilização onde as pessoas acumulam tanto ódio e ressentimento, que não conseguem viver de forma saudável. Estamos vivendo sob um constante estado de cerco e de ameaça, mesmo quando não existe um inimigo palpável nos ameaçando. Construimos coisas, mas não conseguimos ficar felizes e satisfeitos com elas, porque colocamos nelas expectativas maiores do que elas de fato são capazes de cumprir.

Esse modo de vida nos adocece, e as possíveis curas que o mundo moderno oferece muitas vezes acabam piorando ainda mais a doença. Nos falamos o tempo todo de “ter resiliência” e de “buscar metas maiores”, e jamais nos permitem usufruir tranquilamente do que já ganhamos.

O que decorre disso é que, apesar de hoje termos menos riscos físicos diretos do que na época dos povos bárbaros, a nossa mente é mantida num estado de constante opressão, mesmo que não consigamos identificar um opressor específico. Juntando energia agressiva sem poder atacar nenhum inimigo, ou se podendo atacar, jamais tendo uma vitória duradoura nem definitiva, entramos num estado de miséria e impotência, nos sentindo sem propósito na Terra. Nos tornamos vulgares, covardes, mesquinhos, roedores dentro do corpo de homens. Sentimos ódio por tudo que poderíamos alcançar e pela mera sombra disso que acabam nos permitirem sendo.

Então, morremos sem fazer grande diferença no destino de nossa espécie, e tendo filhos que provavelmente também não farão. Mas também não nos permitem mais termos os prazeres comuns das pessoas simples. Nos tornaram culturalmente complexos demais para conseguirmos fazer isso. Ficamos, dessa maneira, duplamente miseráveis. Não conseguimos aproveitar nem a antiga placitude dos camponeses e artesãos, nem a glória dos nobres e lutadores. Tendo negados o direito tanto a humildade como a grandeza, flutuamos sem destino no mundo, meramente sobrevivendo, sem sentido, sem ideais claros. Comendo, trabalhando, e se reproduzindo, porém não mais vivendo de verdade.

39. Da Revolução Brasileira

O que torna mais difícil uma grande revolução no Brasil, é um fato simples da política; nem todo mundo que é confiável é competente, nem todo mundo que é competente é confiável. Se uma possível revolução não tiver a disposição um bom número de pessoas ao mesmo tempo confiáveis e competentes, ele irá falhar miseravelmente e deixar o país numa situação pior do que antes dela ser declarada.

Temos muita gente que gostaria que nosso país tivesse protagonismo como a Rússia, a Índia e a China, mas pouca gente disposta a viver o que a Rússia, a Índia e a China passaram, ou tampouco viver num país cujos direitos civis e trabalhistas sejam iguais aos dos países citados.

Líderes como Amílcar Cabral, Nehru, e Mustapha Kemal, entre outros, podem nos mostrar possíveis caminhos, mas para efetivarmos as mudanças que o Brasil precisa para se afirmar como potência, teremos de buscar um caminho novo, ao invés de meramente copiarmos cegamente os modelos de outros países.

41. Desculpa-me por me traíres

A nossa esquerda tinha ojeriza a Nelson Rodrigues não tanto por ele ter sido uma Poliana da ditadura, mas porque ele demonstrou que nossa classe média é muito recalcada e bunda-mole para pressionar até o fim pelas mudanças que o Brasil precisa.

42. Helena

Quem diz que a Globo é ruim para o Brasil, é porque não teve que viver sob a Telesur, ou com a SBT e a Record ocupando o espaço que a Globo ocupa. A Globo pode ter feito muita coisa errada, mas mantém certos princípios e normas éticas que suas concorrentes não têm nenhum escrúpulo em sequer fingirem manter. Comparado a ter que ver Gleisi Hoffman ou Edir Macedo 24 horas por dia, as novelas do Manoel Carlos são um mal menor.

43. Ser jovem

Ser jovem na nossa época é o maior desafio histórico que a humanidade já enfrentou. Crescemos com nossos pais tentando nos criar de forma diferente que nossos avós os criaram, sem terem nenhuma referência sólida de como fazerem isso. Antes de ter sido criada uma nova ordem no lugar da qual eles estavam desconstruindo, o mundo entrou num completo caos.

Como resultado, fomos jogados no olho do furacão sem termos nenhuma base sólida em que nos apoiarmos, tendo que resolver não só nossos próprios problemas, como os que nossos ancestrais nos deixaram, sem termos plena consciência de nós mesmos, e sem sabermos que valores passarmos as crianças que irão nos suceder.

E ainda nos dizem que se não acharmos a solução deste problema, o futuro de nossa espécie inteira estará condenado. Nossos pais têm tão pouca ideia de como resolver isso quanto nós próprios, nossos tataravós tampouco saberiam se estivessem vivos, e seria uma injustiça maior ainda deixar essa carga para nossos sucessores. O que podemos fazer sobre isso?

44. Da Divindade

O pensamento de Teillard de Chardin, conciliando Criação e Evolução, é muito importante. Foi criada uma falsa dicotomia entre o espiritual e o material; um não precisa excluir o outro. São ambas partes de um mesmo todo dialético.

O ser humano, para poder existir, necessita do Corpo Físico, cedido pela Mãe Natureza, da Mente Racional, que emerge de seu cérebro, e da Alma Imortal, que é uma fagulha do poder de Deus. Tire-se ou se danifique uma dessas três partes, e o ser humano não será possível, ou então estará condenado a uma existência fortemente limitada.

45. Do Fogo

O fogo é o elemento que mais se aproxima da alma humana. Deseja sempre alcançar o Céu, mas está firmemente preso na Terra. Ele tenta eternamente desafiar a gravidade, enquanto durar seu combustível. Fornece luz e calor aos que se aproximam, sem ter grande proveito disso ele próprio. Queima e machuca

quem tenta tocá-lo diretamente. E ao final, se extingue, deixando cinzas que se misturarão ao resto da natureza.

46. DEFCON

Se continuarmos a viver como vivermos, as bombas nucleares, ou alguma outra forma de autodestruição provocada por nossa tecnologia, podem ser a Lança de Longinus que libertarão a raça humana de si mesma.

47. Não somos maus

Nossa espécie vive mal não por ser má, mas porque só vivemos a civilização por menos de 7 mil anos. Existimos como raça há cerca de 400 mil. Construímos uma civilização que nos permite ter acesso ao poder de deuses, mas ainda temos essencialmente prazer e medo com as mesmas coisas que os macacos têm.

O que acontece conosco não é por sermos ruins, mas por sermos macacos que receberam o poder de deuses.

Quando evoluirmos para ter uma mente mais próxima a de deuses, indo além do macaco, porém, talvez deixemos de ter prazer com boa parte das coisas que temos hoje.

A nossa sobrevivência no futuro pode significar perder a capacidade de apreciarmos boa parte do que construímos até agora. Isso pode parecer triste agora, mas talvez quando chegarmos a esse ponto não teremos mais capacidade, e nem necessidade, de sentir nostalgia.

48. Ainda da felicidade

O ser humano começou a sofrer, quando disseram a ele que ele tinha o direito de ser feliz. Alguns filósofos gregos e romanos, intuíram a maneira que o ser humano pode viver bem: buscando estar satisfeito com o que pode aproveitar da vida, mas não exatamente buscar estar “feliz”. O ser humano que quer ser feliz não basta a si mesmo, acaba buscando inevitavelmente impor a felicidade que ele quer sobre o resto da Terra.

E fazendo isso, torna a própria vida e a dos outros miserável no processo. As piores guerras e tiranias não foram iniciadas por indivíduos que desejavam o mero lucro, mas sim por aqueles que desejaram construir utopias. Aqueles que querem o lucro vendem as armas que os últimos usam em suas guerras.

49. Do Infinito

O Universo possui um número limitado de elementos e de combinações entre eles, e possivelmente também um tamanho limitado, fazendo fronteira com um grande nada mais vazio que o próprio vácuo. Diante disso, é possível intuir que o infinito, apesar de existir como conceito, provavelmente não existe no mundo real.

Ainda assim, jamais poderíamos abarcá-lo, por mais tempo que nos dessem para isso. É mais útil para nós sabermos que, apesar de não existir de fato um infinito em direção ao qual poderíamos seguir, que tudo é finito, mas, ainda assim, o finito é tão grande, que não temos condição, nem necessidade, de jamais possuir tudo o que está nele.

50. Diógenes

O ser humano busca naturalmente o privilégio. Diógenes, que se isolou no seu barril, buscava o privilégio ainda mais que todos: a chance de se jactar de preferir brincar de bola de gude com as crianças a ajudar a administrar a cidade, e de poder ser irônico com reis e não ser punido por isso. Ele tinha perfeita consciência disso não por ser humilde, mas muito pelo contrário: era a forma dele se sentir superior aos outros humanos. Na época dele, quando havia poucos dilemas a resolver, ele poderia ser visto como um excêntrico, uma curiosidade.

O Diógenes moderno não merece tal consideração. Ele aproveita todos os benefícios daquilo que a civilização construiu, porém se exime covardemente do sofrimento que os outros humanos compartilham. Ele despreza seu Barriga e se acha melhor que Dona Florinda, porém não entende seu Madruga nem ama o Chaves.

51. Um navio

O governo e os grandes capitalistas têm tanto controle sobre o que acontece neste mundo, quanto o capitão de um navio tem sobre o mar sobre o qual seu navio navega. Nós temos a ilusão de que eles têm o controle, porque somos os marujos e grumetes que estamos submetidos a eles.

52. Pequeno Príncipe

“O Pequeno Príncipe” talvez seja a única obra de nossa espécie realmente relevante de se preservar para outras eras, quando não estivermos mais aqui. Todo o resto do que a gente construiu tem muita pretensão e desperdício.

53. 5º Império

As profecias de Bandarra, Antônio Vieira e Fernando Pessoa sobre o 5º Império, que ajudaria a trazer paz e prosperidade para a humanidade, talvez não estivessem equivocadas. Talvez os portugueses de Portugal é que não fossem o povo certo. Eles não souberam manter o império fisicamente unido, mas a parte que interessa dele, a espiritual, continua intacta. O núcleo de força dele é que pode ter sido previsto no local equivocado.

54. Bastet e Anúbis

Existem muitos tipos de personalidades humanas, mas grosso modo, existem pessoas que são mais parecidas com os gatos, e outras que são mais parecidas com os cachorros. Os gatos costumam ter uma independência e uma iniciativa maior, e por isso correm muito mais riscos, tendo uma mortalidade geralmente maior que os cachorros, porém tem mais capacidade de fugirem sozinhos caso o ambiente se torne insustentável; os cachorros são mais dependentes, tanto por não terem capacidade de escalar muros como por não que tem inclinação a irem além de territórios delimitados; porém por isso mesmo muitas vezes permanecem tolamente em locais aonde seria mais racional ir embora.

As pessoas que se assemelham a gatos, e as que se assemelham a cachorros, tem comportamento semelhante diante da vida. Ambos também são mal interpretados, cada um a seu modo. O espírito desprendido e independente do gato, e da pessoa com personalidade felina, são muitas vezes confundidos com

petulância e indiferença, enquanto a compulsão gregária do cachorro, e da pessoa com personalidade canina, quase sempre são confundidos com lealdade e altruísmo.

55. Samael

Samael é o mais justo dos anjos, porque o nome de quem Deus escreve na sua espada é levado por ele. Deus provavelmente fez o próprio nome ser impronunciável, para que nunca pudesse ser colocado na espada, nem mesmo por ele próprio.

Os humanos tentam copiar essa esperteza de Deus tornando certos assuntos proibidos e certas ideias restritas, mas enquanto Deus tem muitos atributos, mas apenas um nome, mesmo aquilo que tem poucos atributos pode ser nomeado de maneiras quase infinitas.

Arranjando-se uma espada afiada o suficiente e um anjo que tenha força e vontade para brandi-la, qualquer maneira que se escolha para expressar o fim de uma dinastia ou de uma era acaba levando inevitavelmente ao seu fim.

56. O mestre e o conhecedor

A diferença do mestre para o homem que é apenas conhecedor do assunto, é que o mestre nunca se deixou esquecer a dor de aprender cada coisa que sabe. Lembrando o quanto sofreu ele mesmo, ele tenta fazer o aprendizado menos pesado para quem for aprender depois dele. O conhecedor, mesmo tendo consciência dessa dor, as vezes simplesmente não se importa com isso, e por isso primeiro é ressentido, e depois deixa de ser procurado.

As pessoas buscam naturalmente por mestres, por mais falhos que saibam que eles sejam, mas só se deixam submeter a conhecedores, por mais eruditos que eles sejam, quando não tem nenhuma opção além disso. Em eras passadas, o professor duro tinha reputação de ser severo, porém justo; quando as pessoas passaram a conseguir intuir que a severidade é uma fraqueza que tenta aparentar ser força, o professor que é apenas duro deixou de ser respeitado.

As pessoas não se deixam mais enganar que o poder de admoestar quem não pode oferecer réplica sem sofrer punições piores seja justiça. Devido isso, além do mero conhecedor ser uma espécie cada vez mais sob ameaça, o conhecedor que tenta reagir com violência ao não acatamento sofre além do descrédito, muitas vezes o ridículo.

O que o conhecedor mais odeia é gente que tem mais sucesso, ou pelo menos mais equilíbrio, aparentando ter menos preparo que ele, porque tem um carisma e sabedoria que ele não consegue copiar. Ele não consegue entender que as pessoas que foram além dele leram quase todos os mesmos livros que ele, porém perceberam neles coisas que ele, mesmo compreendendo textualmente, se recusou a aceitar.

57. Criptografia

A vida que existe na Terra pode ser uma tentativa de seres anteriores de arrombar o cofre da Eternidade, através de um ataque de força bruta. Se a chave necessária para isso for incrivelmente simples em vez de muito complexa, então provavelmente nós não somos o código certo.

58. Mais uma vez da Economia

A Economia pode ser definida, de forma bem simples como uma mistura de tudo que a gente não consegue controlar direito na Física, e tudo que a gente não consegue conceituar direito na Psicologia. Ela é dividida em dois enfoques: a Macroeconomia, na qual tentamos definir a direção geral que as coisas poderão tomar, mas não temos a menor ideia de como se processarão as centenas de milhares de relações individuais que levarão a esse resultado; e a Microeconomia, no qual tentamos esmiuçar os detalhes de algum tipo de relação específica, mas não temos como saber das consequências dela na ordem maior das coisas.

Apesar de ela ser derivada, e seguir a maior parte, das leis da Física, ela é dividida em várias escolas que tentam buscar abordagens diferentes, e mutuamente excludentes, de construir motos perpétuos, e apesar de ter base na Psicologia, é gerida por indivíduos que tentam o tempo todo fazer as pessoas

agirem contra os próprios interesses, mesmo sendo um fato conhecido desde a Pré-História, que o ser humano é um animal que age movido pelos próprios interesses. O fato de ainda assim, os nossos governos e empresas seguirem funcionando, ainda que mal e porcamente, pode inclusive ser tomado como uma prova de que Deus realmente existe.

59. Queremos Barrabás

Os seres humanos têm mais ressentimento daqueles que querem ser mais seus amigos do que eles próprios, do que daqueles que ele odeia abertamente. O indivíduo que quer impor sua bondade aos outros, quase sempre despreza a maneira que os outros pensam, deseja forçar sua ideologia ou forma de pensar as outras pessoas. O resto da sociedade, percebendo isso, quase sempre trata os bons samaritanos com desprezo.

O ódio verdadeiro é mais leal do que a bondade egoísta, do ser humano que acredita que tem como missão, ou que na verdade tem como compulsão, ajudar gente que, para começar, nem sequer pediu para ser salva.

É por isso que o povo hebreu quase entrega Moisés aos egípcios, e depois preferiu Barrabás. A bem da verdade, os maiores inimigos de nossos índios não foram os bandeirantes, com os quais eles trocavam tiros e flechadas sempre que uns viam os outros; foram os jesuítas que, querendo civilizá-los, os tornaram presas fáceis.

59. Do Herói

Pode parecer paradoxal, mas os antigos tendiam a retratar os heróis de forma mais realista do que nós. Eles nunca esconderam o fato de que na maior parte do tempo, os ditos heróis acabavam causando as pessoas problemas maiores do que aqueles que foram convocados para resolver. Com o tempo, passamos a justificar isso com a desculpa de que o herói teria se deixado corromper por alguma fraqueza secundária, quase sempre incentivado por alguma pessoa ou entidade maligna ou com desejos egoístas. Com isso, aprendemos a ter empatia com personagens que nos enxergam sempre de cima para baixo, e não sentem nada quando nos esmagam.

É possível ter simpatia pelo demônio, ainda que sem amá-lo, porque ele foi atirado do Céu em circunstâncias semelhantes as quais nós fomos abandonados na Terra; mas o herói é alguém que acredita irredutivelmente que tem direito a morar no Céu, mesmo sem ser de fato melhor que a gente.

Ter pena do sofrimento dele não o demove dessa pretensão. Ele não agoniza por causa dos inocentes que matou ou pelos que tem de trabalhar para sustentar seus apetites, mas sim porque os deuses ainda não deram o que ele acha que merece, apesar de todas as suas tentativas de impressioná-los. Os poetas, querendo criar boas histórias, nos fizeram esquecer desse fato.

60. Recursos Humanos

Aparentemente, existe uma certa tendência na Psicologia Corporativa, ou mais especificamente na área de Recursos Humanos, de tentar converter, praticamente a força, o Lula Molusco no Bob Esponja. Tal prática, além de essencialmente totalitária, é contraproducente. Um mundo aonde todo mundo, ou a maior parte das pessoas, fosse o Bob Esponja, seria um mundo aonde de fato, existiria muita produção em termos quantitativos, porém onde não se exerceria quase nenhum trabalho útil.

O Lula Molusco, apesar de aparentemente pouco produtivo, e ainda mais desagradável, é necessário ao equilíbrio da sociedade. As pessoas podem não gostar pessoalmente dele, mas gostam de saber que ele existe; as ajuda a se sentirem vivas. E tirar das pessoas o direito de se sentirem vivas, pasteurizando os espaços de convivência, acaba tornando-as muito, muito menos produtivas.

As pessoas não gostam dos chatos apenas porque lembram das pessoas legais enquanto tem de aturá-los; mas também porque muitas vezes, as pessoas legais também são chatas, quando se tem que conviver com elas por muito tempo.

O tempo que você passa tentando conviver civilizadamente com o chato, te dá a placidez para só aproveitar da pessoa legal aquilo que ela tem de bom. Num mundo aonde todo mundo fosse legal por decreto ou por configuração de fábrica, as pessoas com o tempo talvez até parassem de sair de casa.